

AGDA DESMONTAGEM - POSSIBILIDADES DISCURSIVAS PARA PERFORMATIVIDADES SUBVERSIVAS

Gisele Petty (Universidade Federal de Minas Gerais)¹

RESUMO

A desmontagem é uma prática que nasce no contexto da cena teatral latino-americana dos anos 90 junto à Eitalc - Escola Internacional de Teatro da América Latina e Caribe, e consiste em visitar um espetáculo teatral anteriormente criado, na perspectiva das subjetividades e materialidades de composição das atrizes e atores criadora/es. O conto Agda (1973) de Hilda Hilst, circunscreve temáticas medulares da prosa hilstiana: ascese, erotismo, sacrifício, morte, em uma busca fêmea por Deus e pelo conhecimento, de uma mulher arcaica que se consagra pela carne. A desmontagem do espetáculo Agda (2004) começa no abrir de outros caminhos de entendimento das míticas compostas do conto, na busca de uma prática discursiva que subverta, desaloje e perturbe os hábitos de representação, bem como os lugares atribuídos à mulher na vida e no teatro.

PALAVRAS-CHAVE

Hilda Hilst; Agda; Desmontagem; EITALC.

ABSTRACT

El desmontaje es una práctica que nació en el contexto de la escena teatral latinoamericana de los años 90, junto con Eitalc - Escuela Internacional de Teatro de América Latina y el Caribe, y consiste en volver a visitar un espectáculo teatral creado previamente, desde la perspectiva de las subjetividades y materialidades de composición de actrices y actores creativos. El cuento de Hilda Hilst Agda (1973) circunscribe temas centrales de la escritura de Hilst: ascesis, erotismo, sacrificio, muerte, en una búsqueda femenina de Dios y por conocimiento, de una mujer arcaica que se consagra a la carne. El desmontaje del espectáculo Agda (2004) comienza con la apertura de otras formas de entender los mitos compuestos del cuento, en la búsqueda de una práctica discursiva que subvierte, desaloja y perturba los hábitos de representación, así como los lugares atribuidos a mujeres en la vida y el teatro.

¹Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes. Linha de Pesquisa: Artes da Cena; Orientador: Rogério Lopes da Silva Paulino. Bolsista do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PAPG) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

KEYWORDS

Hilda Hilst; Agda; Desmontaje; EITALC.

A desmontagem surge em um contexto fértil de encontro e troca dos modos de fazer teatrais da cena pedagógica latino-americana a partir do anos 90, e faz parte de uma das práticas vinculadas à Escola Internacional de Teatro da América Latina e Caribe - Eitalc. Esta Escola teve participação de grandes mestras/es do teatro latino-americano tais como Osvaldo Dragún da Argentina (diretor da Escola), Fernando Peixoto e Antunes Filho do Brasil, Rosa Luisa Márquez de Porto Rico, Andrés Péres do Chile, os Grupos Yuyachkani do Peru, Teatro La Candelaria de Bogotá, e participações significativas das atrizes do Odin Teatret, Roberta Carreri, Julia Varley e do diretor Eugenio Barba.

Ao todo a Eitalc realizou 34 *talleres* (oficinas) entre os anos de 1989 a 2005, que aconteceram de uma a três vezes por ano, de forma itinerante, percorrendo diversos países². Participavam atrizes, atores e grupos profissionais de teatro de todo o mundo, a sede da Escola inicialmente ficou sendo em Havana, Cuba. À convite de Dragún, Ileana Diéguez Caballero passa a conduzir a escola junto com ele, e considera que a vivência na Eitalc tenha sido um divisor de águas para seu aprofundamento das teatralidades latino-americanas. "Mi familia era la Eitalc (...) además de que fueron todos los que inspiraron mi trabajo de investigación." (DIÉGUEZ, 2014, p. 147)

Para além de apresentações de espetáculos, nos encontros da Eitalc, estimulava-se a prática de abertura dos materiais de treinamento e poéticas dos grupos e participantes, e isso se dava através de exposições cênicas pedagógicas, tais como as demonstrações de trabalho, as desconstruções cênicas e conferências cênicas. Neste contexto, a desmontagem surge como uma nova ferramenta dentro destas exposições do *teatro por dentro*³. O diretor do Grupo Yuyachkani, Miguel Rubio Zapata, afirma que

Hemos denominado desmontaje a los intentos que hacemos para saber cómo llegamos adonde llegamos, y hablar de esto se ha convertido en una saludable tradición pedagógica de la Escuela -EITALC- para conocer los procesos internos de nuestros trabajos. (ZAPATA, 2009, p.27)

O diferencial da desmontagem em relação às outras práticas mencionadas, é que ela trata de refazer em cena, os caminhos da criação de um espetáculo anteriormente realizado. Mara Leal fala das desmontagens como "possibilidades genuínas da/o artista

²Os países que abrigaram as oficinas da Eitalc foram: Cuba, México, Brasil, Peru, Alemanha, Venezuela, Colômbia, Dinamarca, Uruguai, Argentina, Nicarágua, Chile, Itália, Equador e Estados Unidos.

³ Vide: "El Teatro por dentro": <https://yuyachkani.org/conferencias-escenicas/>

se encontrar no epicentro da criação. Mais do que isso: de se tornar a própria obra veiculada por uma voz personalíssima." (2021, p.88).

Segundo Diéguez, a desmontagem, ao desconstruir a representação convencional teatral, instala uma "dimensão performativa" (2014, p.8) articulando contexto histórico-social e perspectiva pessoal (ou autobiográfica): "As desmontagens tomam corpo como poéticas da experiência dos processos de trabalho e vida dos criadores-pesquisadores" (LEAL; DIÉGUEZ, 2018, p.8).

Por ser uma ferramenta pedagógico-cênica que lança a atriz/ator para o encontro de si, escolhi *desmontar* um espetáculo realizado no ano de 2004 de nome Agda⁴, adaptação do conto de Hilda Hilst (1973). Muitos motivos me levam de volta à Agda e vou apresentar alguns deles na perspectiva da busca de uma *performatividade subversiva*. Convoco o termo *performatividade* a fim de desorganizar algumas premissas do teatro convencional, entendendo que assim como a desmontagem, interessa ao teatro performativo, o processo, abrindo os temas diante do público, em um exercício de desconstrução da representação.

A escrita cênica não é mais hierárquica e ordenada; ela é desconstruída e caótica, ela introduz o evento, *reconhece o risco*. Mais que o teatro dramático, e como a arte da performance, é o *processo*, ainda mais que o produto, que o teatro performativo coloca em cena. (FÉRAL, 2015, p.124, grifo da autora)

Já *asubversão* neste contexto, está em retomar a palavra fêmea no corpo, na garganta, e reassumir um lugar de existência poética, estética e discursiva da atriz, que vai de encontro ao destrinchar dos temas de Agda, na perspectiva do fortalecimento da figura feminina e não de sua supressão e morte.

Agda é um conto pertencente ao livro Kadosh (1973), nele constam Agda, Kadosh, Agda, O Oco. Kadosh⁵ em hebraico significa santo ou sagrado, ou "um indivíduo que foi consagrado perante outras pessoas". Segundo Alcir Pécora o livro trata "efetivamente de testar o sentido possível do sagrado na existência humana, parca e ridícula"⁶. (2002, p.13)

⁴O espetáculo AGDA foi criado por Aldiane Dala Costa, Gisele Petty, San Pestana e direção de Moacir Ferraz. Estreou no Espaço Útero de Vênus em 4 de dezembro de 2004 na cidade de Campinas – SP, Barão Geraldo e apresentou-se no Festival de Teatro de Curitiba - *Fringe* - em março de 2005.

⁵<https://www.significados.com.br/kadosh/>

⁶Nota do organizador; *Kadosh*(2002).

No segundo Agda⁷, que trata este trabalho, o sagrado está contido na busca feminina da ascese pela carne. Uma mulher que atravessa a vida com três amantes e negocia com Deus o seu lugar na eternidade. Agda se oferece em sacrifício à Deus, e tem conhecimento de como será sua morte, pelas mãos dos seus três amantes, porque assim também Orto, Kalau e Celônio desejam suprimir a mulher que não compreendem, a mulher dita lacraia, rameira e feiticeira. Opressão, sufocamento e morte do feminino, são temas que em Agda estão elevados à potência mítica e mística, diante da grandeza de uma mulher que conversa com Deus e habita o mundo de acordo com suas próprias leis – do desejo, vontade e liberdade.

Apesar desse Deus não se mostrar, sabemos através de Agda que ele se comunica, por exemplo, enviando um *anjopara* lhe fazer companhia. Para a vizinhança este enviado é Lusbel, "serafim na aparência e blasfêmia na víscera" (idem, p.117). Anjo ou demônio, este *entepresentifica* a punição de Deus, manifesta quando Agda faz sexo com seus amantes.

e cada vez que me dou, esse que me mandaste se faz sopro, sopro de fogo e ponta no vão do meu dorso. Tenho me dado tão pouco, e ainda assim esse meio das costas vai virando chaga. (HILST, 2002,p.114)

A noção de um feminino como o de Agda, integrado à natureza, do corpo e sexo encarnado com o espírito, que manipula a matéria alquímica ao cozinhar ou derreter o ouro das espirais⁸, está presente nas sociedades matrifocais⁹. Agda personifica a Grande Deusa, a Grande Mãe, quem a aparta de sua existência é o patriarcado, uma vez que a invenção de Deus é a própria legitimação do poder masculino em cisão: o corpo separado do espírito, a ciência apartada da alquimia e religião.

As forças da sexualidade, do nascimento, da vida e da morte, do mágico ciclo da vida eram, originalmente, governadas pela Deusa. Com o advento do patriarcado, o poder de vida e morte tornou-se uma prerrogativa do Deus

⁷No livro Kadosh constam dois contos com o mesmo título Agda, que possuem correspondência entre si, relação essa que será aprofundada em outro momento da pesquisa.

⁸Agda, constrói infinitas espirais de metal, que sejam muito maleáveis, que apenas com teu sopro se faça o movimento, e hás de ver que o de cima vai para baixo e o de baixo volta à superfície, e entenderás tudo se entenderes isso. Ando tentando. Entender nunca. Ando tentando fazê-las muito muito bonitas, e quando a lua está limpa, os cordeiros da nuvem no outro extremo, entro nas casas para roubar o ouro, depois derreto tudo no meu forno, mais de cem espirais tão delicadas que até o meu passo de fada faz vibrar. (HILST, 2002, p.106-107)

⁹Sociedades "matrifocal" ou "matrística" são termos referentes à uma sociedade *centralizada* na mulher e não *governada* pela mulher. Literalmente matrifocal significa "centralizado na mãe", e patriarcado "liderança dos pais". (POLLACK, 1999, p.136)

masculino, enquanto a sexualidade e a mágica foram separadas da procriação e da maternidade. (KOLTUV, 2017, p.27)

Agda concebe um filho de Deus e incorpora o feminino de Maria, mãe de Jesus, esse filho sangra nos pulsos e tem os pés cruzados, um sobre o outro, em explícita referência à crucificação, "escuro esse menino, como se fosse moldado na matéria da terra" HILST, 2002, p. 122). É escuro o que cresce dentro de Agda, porque assim é o feminino arcaico que rege vida e morte, o sangue a terra e o excremento.

Mas já viste, Celônio, Agda-lacraia à tarde no pátio...cutucando estrume? (...)
E por que alguém há de cutucar estrume? (...) Por prazer (...) Tu queres dizer, Kalau, que a mulher é mais escura e mais perversa quando está a sós com ela? Que é suja quando pensa? (...) Não sei (...) Que ...goza vendo o excremento? (...) Não sei. (HILST, 2002, p.107-108)

Agda é uma aparição do feminino arcaico, primordial, ela é sombra, é "Lilith, a alma de todas as bestas do campo e de 'toda criatura viva que rasteja', é o nível vivificante, instintivo e natural do ser". (KOLTUV, 2017, p. 25)

enquanto criou Adão da lama, Deus criara Lilith da sujeira e do excremento. Quando eles foram fazer sexo, Lilith recusou-se a permitir que Adão ficasse por cima, dizendo que Deus os criara iguais. Por este pecado, Deus a baniu e criou Eva. Como Eva saiu de Adão, deve demonstrar-lhe a devida subserviência." (POLLACK, 1999, p.162)

Agda tem muito de Lilith, assim como tem muito de outra Agda que ali esteve antes dela, e de outras duas Agdas antes destas duas, esta construção espiralada de aparições de Agdas proposta por Hilda, constrói um imaginário de uma mulher serpente viva e eterna em todas nós, a nossa Lilith evocada que insiste, não se submete e retoma seu lugar. "Lilith é a parte do feminino que é vivida como a bruxa, a proscrita e a sombra sedutoras." (KOLTUV, p. 166-167), que "extraí sua força energética da oposição e supressão." (idem, p.28)

e que Agda primeira desejou ambiciosa a um tempo só juventude e noviciado, e Agda-lacraia tem muito dessa outra e se fez feiticeira. Que a aldeia já está farta de santas e rameiras porque antes das duas, duas outras transitaram entre o céu e as caldeiras. (HILST, 2002, p.119)

A desmontagem do espetáculo Agda começa neste abrir de outros caminhos de entendimento das míticas compostas do conto, para que eu possa devolver o lugar de Agda em sua aparição do feminino Lilith usurpado, que retoma seu lugar como Deusa violada por um serviço patriarcal que corrompe, usurpa e destrói a natureza. Na

desmontagem cênica, diferente do espetáculo criado em 2004, haverá um só corpo em cena, a subversão está em *ser*, para isso recorro a essas possibilidades discursivas que desmontam percepções antigas do texto e criam estratégias de fuga do teatro de representação.

A dimensão performativa-pedagógica que instala a desmontagem, dá a ver os percursos, dispositivos e a tessitura da cena (DIÉGUEZ, 2014, p.8). Desmontar Agdaé ir de encontro à escrita de Hilda Hilst em suas múltiplas camadas lunares de construções espiraladas de um feminino não conclusivo, é refazer as perguntas e reiniciar um caminho.

REFERÊNCIAS CITADAS

DIÉGUEZ, Ileana Caballero. LEAL, Mara. **Des/tecer, des/montar, desvelar**. In: Desmontagens: Processos de pesquisa e criação nas artes da cena. Organização Ileana Diéguez, Mara Leal. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

DIÉGUEZ, Ileana Caballero. **Eitalc - Escuela Internacional de Teatro de América Latina y El Caribe**. In: ^[1]_{SEP}La huella inquieta de Osvaldo Dragún : testimonios, cartas, obras inéditas de González de la Rosa y Juan José Santillán. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Inteatro, 2014.

DIÉGUEZ, Ileana. **Desmontagem Cênica**. Revista Rascunhos - Caminhos Da Pesquisa Em Artes Cênicas, 1(1). Uberlândia v. 1 n. 1 p. 5-12 jan.|jun. 2014. <https://doi.org/10.14393/RR-v1n1a2014-01>

FÉRAL, Josette. **Além dos limites : teoria e prática do teatro** / Josette Féral ; tradução J. Guinsburg ... [et al.]. - I. ed. - São Paulo : Perspectiva, 2015.

HILST, Hilda. **Agda**. In: Kadosh. São Paulo. Globo, 2002.

KOLTUV, Barbara Black. **O Livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal**. Tradução: Rubens Rusche. - 2.ed - São Paulo : Cultrix, 2017.

LEAL, Mara; MELLO, Antonio. **Tensionamentos Presentes em Algumas Montagens e Desmontagens do Grupo Cultural Yuyachkani**: Antígona, AdíósAyacucho e Hijo de Perra o laAnunciación In: Rascunhos | Uberlândia, MG | v.8 | n.1 | p. 86-107 | jan. jun. 2021. |

POLLACK, Rachel. **O Corpo da Deusa: no mito, na cultura e nas artes**. Tradução Magda Lopes - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ZAPATA, Miguel Rubio. **La demonstración pendiente**. In: DIÉGUEZ, Ileana (Comp.) Des/Tejiendo Escenas. Desmontajes: procesos de investigación y creación. Cidade do México: Universidade Ibero-americana, 2009, p. 249-258.